

FORMAR PROFESSORES EM TEMPOS DE CRISE DA PROFISSÃO: UM OLHAR SOBRE A ATUAÇÃO DOS DOCENTES DA CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DA UEG DE IPORÁ-GOIÁS

Marilda de Lima Oliveira Ferreira

RESUMO

Este artigo busca refletir a árdua tarefa de formar professores em tempos de crise da profissão docente, considerando o papel da instituição e do professor formador. O objeto de estudo são os professores da UEG - Câmpus Iporá, local em que são ofertados cinco cursos de licenciatura, com problemas de baixa demanda, evasão, desmotivação com a profissão buscando compreender como os professores formadores se veem nesse processo. Serão enfocados os conflitos, as condições de trabalho e as perspectivas desses profissionais com relação à instituição, a profissão docente e atuação enquanto professor formador. O estudo aponta para uma crise institucional que se constitui como o reflexo da crise de identidade, de desvalorização, baixo status social da profissão docente e também dos cursos de licenciatura.

Palavras Chaves: Licenciatura – Instituição Formadora – Professor Formador

Introdução

Considerando o contexto de mudanças sociais e políticas parametrizadas nos ideais neoliberais que atingiram a educação superior a partir de 1990 no Brasil, segundo Sguissardi e Silva Junior (2001), novas faces desse nível de ensino se configuraram mediante as relações estabelecidas com a conjuntura de desenvolvimento das forças produtivas, das relações de trabalho, das tecnologias e meios de comunicação e da reestruturação do Estado. Esse processo tem produzido impactos consideráveis na profissão docente em vários aspectos. Nesse sentido, ser professor formador de professores constitui-se um grande desafio, sobretudo porque os cursos de licenciatura vivenciam uma grave crise de baixa demanda com vários desdobramentos para a instituição formadora e os que nela atuam. Nesse contexto buscou-se compreender os desafios vivenciados pela UEG - Câmpus Iporá na oferta de cinco cursos de licenciatura: Ciências Biológicas, Geografia, História, Letras e Matemática. Salientamos ainda como pontos críticos no exercício da docência na instituição pesquisada, a falta de equilíbrio entre a valorização do ensino e da

pesquisa, o isolamento científico e a falta de conhecimentos pedagógicos para ministrar os conteúdos.

As questões que orientaram o presente trabalho foram: qual a situação atual com relação à oferta e demanda dos cursos de licenciatura? Como os professores se veem nesse processo? Quais as dificuldades cotidianas com relação às aulas que ministram? Que sentimentos, motivações permeiam o dia a dia de cada um? Como formar alunos que chegam com fragilidades na sua formação? São essas indagações que permearam a reflexão desse texto.

Portanto, a instituição e o professor formador são objetos dessa pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, tendo como método norteador o materialismo histórico dialético. As considerações neste texto são fundamentadas nas experiências vivenciadas, observações no convívio diário com os colegas de trabalho, por depoimentos dos docentes que atuam no campus. Os docentes tiveram a oportunidade de expressar e avaliar a sua atuação e as expectativas quanto aos cursos e a própria profissão. Todas as percepções obtidas foram analisadas a luz de aportes teóricos já publicados sobre o tema.

A crise da licenciatura e suas consequências para o Câmpus Universitário da UEG de Iporá-Goiás

O Câmpus Universitário da UEG de Iporá, foi criado em 1999, a partir da incorporação da Faculdade de Educação Ciências e Letras de Iporá – FECLIP, que já existia desde 1988, constituindo-se, atualmente em um dos 42 Câmpus da Universidade Estadual de Goiás espalhado por todo estado. Devido à localização geográfica do município de Iporá, o campus recebe alunos de cerca de 20 municípios do oeste goiano. Durante os 26 anos de existência dessa instituição foram formados 3.092 professores para a educação básica, por meio dos Cursos de licenciatura curta em Ciências (43) e licenciatura plena em Ciências Biológicas (345), Geografia (657), História (667), Letras (633) e Matemática (305), na modalidade regular e parcelada e ainda Pedagogia (391) e Educação Física (47) somente no sistema de parcelada.

Atualmente o Câmpus oferta cinco cursos de licenciatura, sendo, Ciências Biológicas, Geografia, História, Letras e Matemática. Nestes, atuam 67 professores sendo que a maioria deles é constituída por contratos temporários e com formação de especialista. São apenas 27 docentes pertencentes ao quadro efetivo e destes apenas oito são doutores.

Assim sendo, no texto que segue, pretende-se, enredar reflexões a cerca da atuação desses docentes em contraponto com os problemas complexos da profissão, tendo como ponto de partida uma breve análise da situação em que se encontra a instituição pesquisada.

A formação de professores no Brasil vem passando por uma intensa crise, evidenciada, principalmente pela baixa procura de candidatos aos cursos oferecidos nessa modalidade e também pela queda no número de concluintes. Muitos desistem antes de terminar o curso, por não identificar-se com a profissão ou por conseguir uma aprovação em outro curso considerado de “maior status social”. A profissão docente, no país, ainda esta fundada na ideia de sacerdócio, de missão, não é vista como uma categoria profissional que precisa ser valorizada, inclusive com salários dignos. (BARRETO E FERREIRA, 2012).

Considerando que há carência de professores em várias áreas do conhecimento, é contraditório que os cursos não tenham preenchido suas vagas. Na UEG - Câmpus Iporá, a partir do ano de 2010, os números apontam uma queda contínua com relação ao quantitativo de alunos. Segundo dados disponíveis no site do núcleo de seleção da UEG, até o ano de 2009, todos os cinco cursos da instituição, obtiveram média acima de 1,7 de concorrência por vaga, chegando, em alguns anos, ao número expressivo de 4,98. No entanto, o processo seletivo para preenchimento de vagas para o ano letivo de 2014 nenhum dos cursos atingiu 1,5 por vaga.

De acordo com os números fornecidos pela Secretaria Acadêmica do Câmpus, houve uma queda severa, a partir de 2011, em relação ao número de ingressantes por curso, passando de uma média de 40 alunos para 18,8. Consequentemente, com a baixa demanda de ingressantes o número de concluintes por curso reduz consideravelmente, a média de 26 a 33 alunos, oscilando de 16 a 19 nos últimos três anos.

Em pesquisa realizada por Barreto e Ferreira em 2012, com vista a identificar os

motivos da baixa demanda nos cursos de licenciatura da UEG-Câmpus de Iporá nos últimos anos e ainda o alto índice de desistência dos ingressantes, foi possível mapear alguns aspectos relevantes, porém preliminares, para a compreensão desse fenômeno. Evidenciou-se na investigação, baseada na prática diária das pesquisadoras e ainda em questionários respondidos pelos 119 alunos entrevistados nos cinco cursos, que a crise tem sido agravada à medida que aumenta a precarização das condições de trabalho e ao mesmo tempo em que se acentuam as exigências do poder público e privado com relação à atuação dos professores.

Outro aspecto relevante, apontado pelos entrevistados, para a desmotivação dos licenciados, tem sido a falta de comprometimento dos alunos do ensino fundamental e médio para com sua formação. Alegam também, como motivo de desinteresse, a não identificação com a profissão que consideram extremamente desgastante, com baixo reconhecimento social, precárias condições de trabalho e salário. Outro elemento identificado e que deve ser considerado nessa análise, é o fato de que quase sempre a procura pelo curso de licenciatura não está relacionada à vontade de ser professor, mas muitas vezes representa a última opção para os desejam ter um curso superior para a participação em concursos.

Como fatores externos a essa queda de demanda, podemos citar a implantação de um Câmpus do Instituto Federal Goiano em Iporá, a expansão desordenada de instituições de ensino superior privadas em Iporá e municípios circunvizinhos, que oferecem um ensino “facilitado” com aulas uma duas ou no máximo, três vezes por semana a um “precinho” bem camarada.

Outro aspecto que merece atenção é o alto número de docentes que pediram demissão nos últimos anos na UEG de Iporá. Segundo dados obtidos junto ao recurso humanos do Câmpus, em um universo de 67 professores, 22 deixaram a instituição no ano de 2013 e primeiro semestre de 2014, sendo que destes, apenas um pertencia ao quadro efetivo, os demais eram temporários. Além da instabilidade do tipo de vínculo, dos baixos salários e das dificuldades enfrentadas com o desinteresse dos acadêmicos, várias justificativas são apresentadas para a desistência da docência, dentre elas, destacamos: a dedicação exclusiva ao cargo efetivo na educação básica, assumir concursos em outras

instituições, trabalhar em outra área fora da educação e cursar *stricto sensu*.

A situação do formador de professores em tempo de crise da profissão na UEG - Câmpus Iporá.

Partindo da experiência enquanto professoras na instituição, no exercício da docência, como pesquisadoras e, em cargos diversificados de gestão, é possível identificar um sensível avanço no descontentamento dos professores formadores. Ainda que essa afirmação possa ser prematura a mesma é fundamentada em algumas situações observadas no cotidiano das atividades no câmpus e pelo depoimento de professores que apresentam, alguns dos desafios e conflitos inerentes à formação docente: desmotivação para com a profissão o que incide sobre a pouca disposição para o engajamento nas questões relacionadas às lutas da categoria; as dificuldades em responder as fragilidades na formação anterior dos alunos ingressantes, em lidar as tecnologias e ainda em conciliar educação básica e superior o que além da sobrecarga de trabalho limita a participação efetiva no cotidiano do curso, dentre outras.

Com o intuito de melhor compreender como os professores que trabalham no Câmpus Universitário da UEG de Iporá, estão vivendo pessoalmente e profissionalmente este momento de crise da profissão, foram colhidos deles, alguns depoimentos. Embora sejam apenas cinco, acreditamos ser importante, para o entendimento dos efeitos da crise da profissão em cada um.

Os depoimentos dados, quase todos de forma bem extensiva, fruto de reflexões amplas sobre esse momento de crise, evidenciaram um turbilhão de insatisfações, incertezas e inseguranças presentes no cotidiano de cada um, como pode ser notado no relato abaixo.

Pessoalmente sinto “sede” de mudanças imediatas, desejando até mesmo buscar alternativas em outros locais, mas quando penso profissionalmente percebo que a crise é geral e de nada adianta a fuga dos problemas já conhecidos, no entanto não tenho respostas e nem soluções para os

mesmos. Tento manter-me ativa na profissão docente, tento mostrar que estou sempre disposta a contribuir com a educação local em outros seguimentos de trabalho, “boto um sorriso no rosto e mando embora a solidão”, na esperança de que alguém inspire em mim, que já estou com quase meio século de vivência, em que pouco mais da metade desse meio século ocupado com o trabalho docente. E, ainda em plena atividade educativa, contemplando às 60h/a semanais nos ambientes de trabalho, de forma que estas são prolongadas para 70, 80 e até 90h, entre uma semana e outra. Sinto privilegiada com as disciplinas que leciono, pois não noto muito o desinteresse dos meus alunos, mas uma grande dose de dificuldade dos mesmos, diante de situações que impediram a emancipação dos conhecimentos ao longo dos anos de estudo e formação. (LR, Docente Temporária da UEG e efetiva da Secretaria Estadual de Educação, 2013)

Os professores que atuam também na rede estadual na educação básica, parecem viver a crise de forma mais intensa, devido a atual política educacional implantada pelo governo por meio da SEDUC conhecido como “Pacto pela Educação”, baseada nos princípios neoliberais de comparação, ranqueamento, premiações por méritos individuais (SHIROMA E SCHNEIDER, 2012). As mudanças provocadas na forma de atuação do professor fundamentada em dados quantitativos, incentivo ao individualismo e a competição, em que somente os melhores, são premiados, ou melhor, “bonificados” em detrimento dos aspectos intelectuais, políticos e humanos, tem provocado um enorme desgaste profissional. Esse contexto tem influenciado, sem dúvida, o docente a não encorajar o seu aluno de ensino médio a cursar licenciatura, conforme depoimentos abaixo.

[...] Esses processos têm incidido de forma acentuada na identidade dos professores que considera a profissão como estágio, não assumindo a sua identidade, nem se valorizando como tal, e, portanto, não sentem como sendo suas as lutas, as “bandeiras” da categoria. Considero que essa postura do professor tem influencia indireta e em muitos casos direta na escolha do curso pelos alunos do ensino básico, pois, vivenciam cotidianamente os fatores negativos de ser professor, além da própria desvalorização social da profissão. (HG, Docente efetivo da UEG e da

Secretaria Estadual de Educação, 2013)

Realmente estamos em crise. Profissionalmente, podemos pensar na seguinte questão: Como encorajar as pessoas a carreira docente, sendo que os professores estão desmotivados? Uma profissão tão brilhante deixada de lado pelos órgãos públicos. São inúmeros os desafios dos atuais professores, dos quais podemos mencionar: a desvalorização da carreira docente; a carga horária elevada devido à baixa remuneração; o engessamento dos currículos estaduais; o distanciamento dos órgãos que regulamentam o ensino à realidade escolar; a intensa cobrança de melhores resultados nos indicadores de qualidade, priorizando apenas os números; a supervalorização dos direitos dos alunos e a desvalorização de seus deveres; a falta de respeito dos alunos aos professores; a falta de conteúdo, imaturidade e despreparo dos alunos; o desinteresse pelo aprendizado, dentre tantos outros. Infelizmente a falta de opção que têm levado nossos alunos a escolhem licenciatura. Sendo assim, a maioria dos egressos não exercem a profissão. E pessoalmente, podemos falar que as cobranças da profissão são infinitamente maiores que nossas condições físicas e mentais. É comum um professor trabalhar de domingo a domingo para conseguir desempenhar todas as suas responsabilidades. Infelizmente, não temos tempo para o lazer ou descanso. Quando chega as férias temos um monte de relatórios e projetos para escrever. É realmente precisamos nos valorizar mais, pois estamos quietos a toda essa situação. (MT, Docente efetiva da UEG e da Secretaria Estadual de Educação, 2013)

Por meio de uma leitura ampliada da situação em que vive a UEG – Câmpus Iporá, a depoente abaixo faz uma reflexão sobre as causas históricas que acredita contribuir para que a crise na licenciatura se agrave cada dia mais. Ressalta algumas práticas que deveriam ser superadas para amenizar os problemas vivenciados.

[...] Hoje, emblematicamente, a UEG usa a crise como argumento favorável a chamada reestruturação, ou seja, a extinção de cursos e quicá de unidades, não sendo esse observado quando da sua criação e ampliação. As inquietações são muitas e não podemos conceber que se pense a existência do curso apenas a partir da sua demanda. Outro ponto importante a ser pensado é que a baixa demanda não pode ser justificativa para a adequação das questões do curso a necessidade dos alunos, isso a meu ver, provoca queda na qualidade e agrava ainda mais a questão de termos alunos que querem apenas um diploma e desvaloriza ainda mais a licenciatura. Se o aluno opta por uma licenciatura ele precisa envolver-se, vivenciar a universidade, e não apenas continuar a assistir aulas e a fazer trabalhos como no ensino básico. Intriga-me o fato do aluno dos cursos ligados à saúde ter que ficar integralmente, cinco, seis anos, no mínimo, para ser um profissional, e os alunos das licenciaturas no máximo cumpre um horário, não disponibilizando nenhum outro momento para o curso.

Essa situação fica mais complicada quando pesquisas têm comprovado que os alunos que optam pelas licenciaturas provem de famílias menos abastadas, com menos escolaridade e optam pela licenciatura por considerar que não conseguem exercer outra atividade [...]. (HG, Docente efetivo da UEG e da Secretaria Estadual de Educação, 2013)

Quando ouvimos professores que não atuam diretamente com disciplinas pedagógicas, como é o caso do professor a seguir, percebemos que a situação não é diferente.

[...] Na Universidade, pública e no interior do estado, vivemos no momento uma condição *sui generis*, não temos alunos e aqueles que estão poucos são efetivamente interessados na área de formação. Além disso, a capacidade de aprendizado é prejudicada por ausência de conteúdos que deveria ser sidos adquiridos no ensino fundamental. Ao mesmo tempo somos uma universidade, cursos, inseridos em uma mesma lógica de atuação de outros cursos no interior da UNIVERSIDADE, exigem pesquisa, extensão, busca de recursos, financiamentos etc. A minha crise profissional e pessoal, que se mistura, se edifica na percepção de minha inoperância produtiva. Não formo ninguém de fato, minha pesquisa é básica, não desenvolvo bases para a melhoria de nada, meus alunos estão enganados e vivem em mundo de faz de conta. Eles até podem conseguir trabalhos na área, professores de geografia, mas dentro de um processo natural de alocação para esse mercado, mercado que eu descrevi antes, portanto vão entrar no círculo, vicioso talvez, de perdoar a instituição e os alunos e ganhar o pão de cada de dia. Na universidade observo que os entraves se constituem todos em relações de poder. Nossos problemas burocráticos na UEG são gerados em sua maioria devido a essas relações de poder e solução, igualmente, esbarra nisso. Precisamos reformar, derrubar talvez, a casa chamada licenciatura, para começar do zero e pensar para que estamos aqui e para onde queremos ir, dentro da lógica que estamos inseridos não é possível pensar essas duas situações. (GV, Docente efetivo da UEG)

Um dos depoimentos, destoando em parte dos demais professores, mostrou um profissional motivado para viver esse momento de crise da profissão, por julgá-lo propenso a rever as práticas e projetar melhorias.

Eu me sinto extremamente motivada por entender que a crise pode ser essencial para repensar os processos de formação, profissionalização e a identidade docente. É momento de reafirmar a opção pelo magistério e cobrar políticas públicas para recuperar o valor e o status social da profissão. Para reafirmar minha opção pelo magistério/o ser professora.

(HMO, Docente efetivo da UEG e Secretaria Estadual de Educação à disposição da UEG, 2013)

Ao apontar para a necessidade de rever os processos de formação, profissionalidade e identidade docente, o depoimento acima vem ao encontro do que foi dito por um dos entrevistados, que antes de falar de sua crise pessoal e profissional, faz uma breve reflexão sobre a formação de professores.

O que é exatamente formar professores? As antigas faculdades de educação pareciam responder melhor essa área de atuação. Ao longo do tempo surgiu uma série de exigências em relação ao professor de ensino superior que colocaram no mesmo patamar de atuação, suas exigências, diferentes área de atuação. A exigência sobre um professor formador de professores parece ser a mesma de um professor formador de engenheiros. Talvez não tenhamos crise das licenciaturas, mas sim uma crise da educação. Essa crise da educação básica (ensino fundamental e médio). Para que fazer um ensino médio? Simplesmente para caminhar o aluno para um curso superior. Talvez não precisasse ter ensino médio, basta fortalecer o ensino fundamental e o ensino se transformaria em um ensino para passar em concursos (vestibulares, concursos públicos etc) [...]. (GV, docente efetivo da UEG, 2013)

Ao construirmos um diálogo entre a prática vivenciada na UEG de Iporá, com outros estudos já realizados por pesquisadores sobre docência universitária, é possível perceber que o que esta acontecendo nesta instituição de ensino superior, é comum não somente no Brasil, mas também em muitos outros países. Assim como é focado por Cunha (2010), percebemos a urgência em diminuir a distância entre os professores que pesquisam e aqueles que ensinam no Câmpus, pois parecem viver em lados totalmente opostos. Para a autora, são muitos os desafios que se impõem à universidade para que o ensino e a pesquisa sejam realmente indissociáveis, como prevê a política educacional no Brasil. Um dos mais importantes, segundo ela, é a superação do ensino como reprodução do conhecimento em face do ensino como produção do conhecimento.

Outro fator que inspira atenção na atuação dos docentes do Câmpus e que vem se agravando é a postura de alguns professores efetivos, mestres e doutores, centrados na pesquisa e com pouca disposição de discutir as questões relacionadas ao ensino e a

docência.

Nesse sentido, Pachane, abordando sobre a formação dos professores universitários para o mundo contemporâneo, ressalta que,

[...] podemos perceber que os cursos de formação, quando voltados exclusivamente para a realização de pesquisas, não atendem às necessidades específicas dos professores no tocante a suas atividades de docência. Ou seja, a qualificação oferecida pelos cursos de pós-graduação, como atualmente estruturados, possibilita aos professores a titulação, porém a maior titulação não significa, necessariamente, melhoria na qualidade docente. (PACHANE, 2009, p.250)

Para Severino, a formação de professores precisa preocupar-se com o desenvolvimento equilibrado de algumas dimensões que possibilitaria a obtenção de maior sucesso no processo de ensino aprendizagem dos alunos. Preparar um profissional para atuar na docência, para o autor,

É uma tarefa que pressupõe o desenvolvimento harmonioso de três grandes perspectivas que se impõem com a mesma relevância, que se distinguem, mas ao mesmo tempo se implicam mutuamente, que só produzem seu resultado se atuando convergente e complementarmente. Estas três dimensões são a dos conteúdos, a das habilidades didáticas e a das relações situacionais (SEVERINO, 1991, p. 29).

Nessa perspectiva, Calil, Castro e Azevedo (2008, p. 06) corroboram incluindo às já citadas dimensões que devem ser de domínio de um bom professor, saberes morais, como a “opções éticas, compromissos com os resultados do ensino, sensibilidade e sabedoria dos professores”.

O fato dos docentes dos cinco cursos de licenciatura do Câmpus da UEG de Iporá participar de espaços colegiados concomitantes, permite aperfeiçoar a tímida realização de ações conjuntas, com vistas a ensaiar um processo mais consistente e organizado de atuação interdisciplinar, quiçá transdisciplinar. Um professor formado em um ambiente assim teria mais condições de fugir da prática de compartimentação das disciplinas, como ainda ocorre na maioria das instituições escolares do Brasil. Nesse sentido, Magalhães (2011) defende uma proposta em que o movimento ensino aprendizagem supera o processo

lógico e intelectual, tornando-se dinâmico, coerente, dialógico e criativo. A autora afirma ainda que a formação docente pode conduzir o futuro professor a um viver formador que estabeleça uma razão-afetivo-sensível, com vistas a promover uma visão mais integrada do ser humano, marcando, definitivamente, a relação do sujeito com o objeto de conhecimento, e deste com a própria vida.

No entanto, ainda é evidente o enclausuramento científico em que muitos professores do Câmpus vivem. Defendem verdades únicas e com extrema dificuldade em revisar, repensar suas práticas. Calil, Castro e Azevedo (2008, p. 04), a partir de observações em processos de formação de professores, pontuam que “pensar em novas experiências que mobilizem certos saberes requer parar para pensar, parar para olhar, parar para ouvir, sentir e apurar-se nos detalhes, suspender o juízo e a opinião *a priori*, entre outras atitudes convencionais”.

Refletir coletivamente esse processo de crise porque passa a licenciatura e, por conseguinte a UEG Câmpus de Iporá, é um desafio premente e necessário para superação do atual quadro de baixa demanda e desmotivação para com a profissão docente.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Ao refletir sobre as nuances da formação de professores em tempos de crise da profissão, por meio deste estudo de caso pautado na observação participante e ainda em depoimentos como procedimentos metodológicos, tendo como principais sujeitos os docentes que atuam na UEG Campus de Iporá, não era pretensão estabelecer conclusões, devido à amplitude do tema e a necessidade premente de aprofundamento nas investigações. Dessa forma, estudos posteriores permitirão avançar no debate sobre esse processo de crise da profissão docente. Contudo, é preciso considerar o contexto mais amplo em que essa crise se insere a desvalorização e baixo status social da profissão.

Apesar das limitações já citadas, esse olhar sobre a atuação dos docentes da UEG Câmpus de Iporá evidenciou a necessidade de investimentos na formação continuada do professor, além de melhorar suas condições de trabalho. Nesse sentido, necessário se faz qualificar o debate, planejar ações para superar os desafios desse contexto pouco promissor

para o câmpus, os cursos e para a formação docente.

Muitos espaços de diálogos foram abertos nesses últimos anos em que a crise foi se agravando no Câmpus. Caminhos possíveis de superação foram traçados, mas conforme depoimento de um dos professores, “a crise das licenciaturas é um problema histórico e não se restringe a UEG, mas a todas as universidades que ao longo de sua história tem sentido os efeitos do processo de desqualificação e desvalorização da profissão docente. Processo esse que se acentuou com a implementação das políticas de massificação do ensino” (HG, docente efetivo da UEG e da Secretaria Estadual de Educação, 2013).

Considerando a dimensão dos desafios enfrentados pelos cursos de licenciatura e diante da compreensão que esses se estendem a um contexto mais amplo que envolve a desvalorização histórica da profissão, que vão desde o descompromisso político até a falta de investimentos para melhorar a qualidade da educação básica, entendemos que para a superação dessa situação é necessário ultrapassar os muros da universidade e dialogar com a sociedade, o poder público em todas as esferas e repensar a própria formação dos professores: concepções, conceitos, metodologias.

Enfim, todos esses aspectos nos remetem a alguns indicativos básicos: a necessidade de rever a prática dos professores formadores; compreender os meandros que permeiam a crise das licenciaturas e da profissão docente; conhecer para melhor atender os jovens que chegam ao ensino superior, que possuem limitações em conhecimentos básicos necessários para bem prosseguir nos estudos, contudo, com inúmeras potencialidades.

Compreendemos que é muito complexo mudar o ideário pedagógico de uma época. “Concebemos professores como sujeitos históricos, sensíveis, éticos, críticos, criativos, e a sua formação como práxis, como transformação” (GUIMARÃES e SOUZA, 2011, p. 40). Portanto, esta é uma tarefa possível, mas que exige criatividade, perseverança, vontade e comprometimento político com a educação, formação e profissionalização dos sujeitos inseridos nesse processo de mudança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, M. O. *A formação docente na Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Iporá*. 2010. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

BARRETO, M. O; FERREIRA, M. L O. *Docência em debate: o fim ou o recomeço da licenciatura*. II Congresso de Educação da UEG de Iporá-GO, 2012.

CALIL, A. Maria. G. Correia; CASTRO, M. A. C. Diniz de; AZEVEDO, Vera Lúcia Antônio. *Docência e ensino superior no foco dos sentimentos e emoções que permeiam o contexto da prática*. Em: Anais VII Redestrado. Buenos Aires, 2008. 17 p.

CUNHA, Maria Isabel. Pesquisa e qualidade no ensino: aprendizagens e possibilidade na educação. Em CUNHA, Maria Isabel. *Trajetórias e lugares de formação da docência universitária: da perspectiva individual de espaço institucional*. São Paulo: Junqueira e Marin, 2010. P. 167-177 11 p.

GUIMARÃES, Valter Soares; SOUZA, Ruth Catarina Cerqueira Ribeiro de. Docência e identidade profissional do professor. Em: SOUZA, Ruth Catarina Cerqueira de; MAGALHÃES, Solange M. O. *Professores e professoras formação: poíesis e práxis*. Goiânia: PUCGO, 2012. p. 115-137. 21 p.

MAGALHÃES, Solange M. O. Afetar a sensibilidade na educação: uma proposta transdisciplinar. *Linhas Críticas*, vol. 17, n. 32, jan/abril, 2011, p. 163-182. 19 p.

PACHENE, Graziella. Formação de docentes frente a um mundo em transformação. Em: ISAIA, Silvia Maria; BOLZAN, Donis Pires. *Pedagogia universitária e desenvolvimento profissional docente*. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2009. 249-266. 15 p.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *A formação profissional do educador, pressupostos filosóficos e implicações curriculares*. Revista Ande, São Paulo: Cortez, ano 10 (18): 29-40, 1991.

SGUISSARDI, Valdemar; SILVA JÚNIOR, João dos Reis. *Novas faces da educação superior no Brasil*. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez; Bragança Paulista, SP: USF-IFAN, 2001.

SGUISSARDI, V. (Org.). *Educação superior: Velhos e novos desafios*. São Paulo: Xamã, 2000.

SHIROMA, Eneida; SCHNEIDER, Mara Cristina. Avaliação de desempenho docente: contradições da política “para poucos” na era do “para todos”. *Revista Interação* -

Formação, profissionalização docente e práticas educativa. v. 38, n. 1, 2013.

WEB: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/25131/15121>

